



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

## **XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS** **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

### **SABERES DOCENTES DE PROFESSORES-FORMADORES DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA: contribuições ao processo formativo de estudantes-professores**

**Julia Nunes Castor de Cerqueira<sup>1</sup>; Maria Cláudia Silva do Carmo<sup>2</sup>**

1. Bolsista – Modalidade Bolsa/PROBIC, Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [juliacasstor@gmail.com](mailto:juliacasstor@gmail.com)
2. Orientadora, Departamento de educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [mcscarmo@uefs.br](mailto:mcscarmo@uefs.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** ensino; formação continuada; saberes docentes.

### **INTRODUÇÃO**

O texto a seguir configura um resumo do plano de trabalho intitulado “Saberes docentes de professores-formadores do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana: contribuições ao processo formativo de estudantes-professores”, desenvolvido entre os meses de setembro de 2023 a agosto de 2024, conforme a vigência do Edital de Iniciação Científica e sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cláudia Silva do Carmo. Nesse período, frequentei as reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo e Formação do Ser em Aprendizagens - FORMARSER, atividade que, sem dúvidas, contribuiu para o meu entendimento do estudo e de meu próprio processo formativo. É importante apresentar os dois conceitos referentes aos sujeitos da pesquisa: professor-formador, correspondente aos docentes de cursos de licenciatura, e estudante-professor, que são os discentes de licenciatura, professoras e professores em formação. O objetivo geral é analisar os saberes docentes mobilizados em componentes do curso de Licenciatura em Letras da UEFS por professores-formadores e suas contribuições no processo formativo de estudantes-professores.

### **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

A metodologia pauta-se numa abordagem qualitativa para compreender as experiências e práticas dos professores atuantes e em formação dos cursos de Licenciatura em Letras da UEFS, bem como os saberes docentes mobilizados por seus professores-formadores e as contribuições ao processo formativo de estudantes, no intuito de aprofundar a discussão da relação entre ensino e prática e formação continuada. Para tanto, a metodologia baseia-se na etnopesquisa crítica e multirreferencial (Macedo, 2004), que não categoriza os sujeitos como meros objetos de estudo, mas agentes, a(u)tores sociais da pesquisa, influenciados e influenciadores dela, uma vez que “[...] toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina [...]” (Freire, 2002, p. 28).

A coleta de dados se deu por meio de dois dispositivos: entrevista com formadores do curso de Letras e questionário *on-line* disponibilizado aos estudantes. Quanto aos critérios

adotados para escolha dos sujeitos: os professores entrevistados foram escolhidos a partir dos componentes curriculares cursados no semestre 2024.1 e que são efetivos da UEFS, atuam nos cursos de Licenciatura e com componentes curriculares do curso de Letras, bem como o questionário foi disponibilizado às respectivas turmas que fiz parte. O roteiro de entrevistas e o questionário têm algumas perguntas que são comuns aos dois dispositivos, sem obrigatoriedade de resposta da pessoa participante.

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

Nas entrevistas realizadas, os formadores discorreram sobre saberes docentes em diferentes momentos, ora sobre a relação entre tais saberes e os componentes que lecionam, ora sobre a importância destes para o licenciando. Os sujeitos entrevistados para a pesquisa foram codificados com nomes fictícios para preservar suas identidades e doravante serão citados como Professor Marin, Professor Pégaso, Professora Fênix e Professora Andrômeda. É importante pontuar que as perguntas foram feitas sem indicar uma base teórica para diálogo, pois o intuito (das perguntas e das entrevistas) não é testar os conhecimentos dos formadores sobre o assunto, mas, sim, perceber as mobilizações e intencionalidades (que podem resultar em contribuições) nas relações formador-componente-estudante que existem na universidade.

O curso de Licenciatura em Letras habilita professoras e professores para o ensino língua portuguesa, literatura e redação, portanto, os saberes disciplinares, segundo Tardif (2002), e curriculares, segundo Pimenta (1996), devem abranger tais áreas do conhecimento, a Literatura e a Linguística, para a qualificação desse futuro professor. Ressalta-se que o espaço dos cursos de licenciatura é um ambiente de experimentação, um laboratório, devido ao momento singular em que se encontram os objetos de estudo (a sala de aula e a aula propriamente dita), o formador e o sujeito docente em formação, possibilitando uma certa metalinguagem, a reflexão-ação da atividade em sala de aula.

Uma professora da área de Letras pontuou que a docência no ensino superior é para pensar a escola, preparar os estudantes para atuação na Educação Básica, participar – enquanto pesquisadores –, para que possam realizar transformações nesse universo que é a escola (Professora Fênix). Além disso, discorreu sobre a importância de discussões com problematizações das questões raciais, porque, para além da pertinência, grande parte dos estudantes-professores na Bahia são pretos, pardos ou negros e lidarão com crianças, jovens e adultos pretos e outros atravessamentos de raça. A professora cita, além do letramento racial, a era digital, letramento escolar e não escolar, a oralidade e outras questões que ocorrem sobretudo na escola pública, para que estudantes pensem, mesmo na universidade, em estratégias de ensino e prática.

Mais adiante, ela completa que, na sua formação, só “se deu conta” que era professora no sétimo semestre, “o curso tinha toda uma trajetória teórica das grandes áreas linguísticas, literatura, também da formação [sobre o campo da educação], mas todas de educação não davam essa dimensão do ensino da língua” (Professora Fênix). A professora conclui sua fala pontuando que percebeu uma mudança nesses aspectos,

eu tenho relatos de estudantes, porque a gente sempre mobiliza que os estudantes falem, de que isso tem mudado. Muitos professores já mexem um pouco com ‘o que fazer com isso aqui na escola, como chegar com um texto do romantismo, como chegar com Machado de Assis na escola...’ (Professora Fênix).

Nessa perspectiva, evidencia-se a reformulação dos currículos das licenciaturas que vem acontecendo nos últimos anos, principalmente a inclusão dos componentes de Práticas Educativas, presentes desde o primeiro semestre.

É importante apontar que as alterações de percurso no campo da educação no Brasil, seja no currículo, seja por outras influências políticas, também têm impacto na formação de profissionais da educação, ou seja, nos cursos de licenciatura, dificultando, por muitas vezes, a construção de uma linearidade na formação, nas práticas, e, consequentemente, nos resultados obtidos entre estudantes-professores e futuros professores que atuarão na educação básica.

Outro ponto interessante é que todos os formadores, em algum momento, falaram sobre *seleção*. Ao proceder sempre de forma contextualizada, problematizadora (Professor Pégaso), se posicionar quanto a escolha de conteúdos; pensar na promoção do protagonismo de estudantes e que contribua para fomentar a diferença (Professor Marin) entre tais relações; ao propor o tensionamento da universidade enquanto espaço de crítica e autocrítica (Professor Marin), ou seja, questionar as práticas, os corpos docentes, os conteúdos e currículos, os temas debatidos, as produções e outros aspectos muitas vezes esvaziados de recortes de raça, gênero e classe.

Também mencionaram, em algum momento, questões sociopolíticas como pontos que exigem movimento (seja em leituras ou formação) enquanto docentes e, portanto, essenciais à construção da identidade e integradas às suas práticas. Sendo assim, percebe-se que a gama de *saberes* fundamentais à formação docente, no contexto do curso de Licenciatura em Letras da UEFS, abrange conhecimentos específicos, mas também uma formação social, como relatado:

eu procuro não me preocupar tanto apenas com o conteúdo, mas com a formação humana também, acho que isso é muito importante, esse desafio de, para além dos conteúdos curriculares clássicos de cada disciplina, de cada componente curricular, fomentar, motivar a busca pelo saber e a busca por ser pessoas melhores. (...) Todos esses conteúdos que a gente trabalha, seja na graduação, seja na pós, seja no ensino médio, só tem sentido se for para sermos pessoas melhores no mundo em que vivemos. Eu acho que esse é o nosso desafio, porque não é fácil também, às vezes a gente fica viciado nos conteúdos, em dar conta. (...) E aí é muito mais cômodo trabalhar com os conteúdos já previstos, nessa falta de tempo nosso, é bem desafiador fazer um trabalho que extrapole esse nível do mero conteúdo, não que o conteúdo seja coisa pouca, claro que não, que tudo é conteúdo, mas me refiro aos conteúdos curriculares que estão ali no programa, engessados no programa de ensino, né? Então, tentar pensar uma formação que seja o mais integral possível. A gente não pode se esquecer disso, tem que ser uma busca constante. (Professora Andrômeda)

Uma pergunta comum aos dispositivos utilizados foi “O que você considera uma aula boa e uma aula ruim?” e, curiosamente, as respostas foram muito similares, tanto de estudantes quanto de professores. Em suma, pontuaram que “boas aulas” são planejadas, há “organização lógica no plano das ideias, dos objetivos” (Professor Pégaso), espaço para troca/divisão do protagonismo entre professor e estudantes, “quando você consegue fazer a transposição do que é discutir teoricamente para a vida prática” (Professor Marin), “aquela que a gente consegue resultados, (...) a gente vê com que o aluno produziu algo a partir dela” (Professora Fênix), “quando o professor, desde seu planejamento até sua

prática na sala, pensa no aluno, em como fazer o assunto da aula chegar, interessar ao aluno” (resposta de uma estudante); da mesma forma, uma “aula ruim” foi apontada como “improvisada” ou que as etapas planejadas não foram cumpridas, quando não há devolutiva da aprendizagem significativa e, principalmente, quando fica centrada na fala do professor, sem circularidade. Percebe-se que existe uma ideia mais ou menos homogênea quanto a isso, seja de quem ocupa o lugar de estudante ou de docente. Entendo que é valioso que as aulas que participamos sejam analisadas não para avaliar o professor em si, mas a fim de conhecer e perceber as práxis, metodologias e abordagens para alimentar a identidade professora em construção de estudantes-professores.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

A pergunta norteadora da pesquisa foi “de que forma as práticas pedagógicas dos professores-formadores dos cursos de Licenciatura em Letras da UEFS contribuem para a construção dos saberes docentes de estudantes-professores?”. Conforme os estudos desenvolvidos, nota-se que existe uma intencionalidade para o desenvolvimento da autonomia e o protagonismo dos estudantes-professores de Letras da UEFS. Pensando na minha trajetória na universidade, percebo que licenciandos são estimulados a se entenderem como  *futuros professores*  desde o início da graduação; ao longo do semestre, a turma é convidada a questionar o que vivemos no espaço público (a Universidade, as esferas políticas e sociais), as experiências (inclusive as aulas), e o que um dia faremos (enquanto professoras e professores em formação), num movimento crítico-reflexivo que colabora para aguçar a percepção do licenciando quanto a seu processo formativo.

Por fim, reforço a formação continuada como pilar da construção de pessoas melhores, consequentemente profissionais melhores, que atuarão para o desenvolvimento de sujeitos sociais, humanos e políticos na universidade ou na educação básica. É importante pontuar que a formação continuada, aqui, não é tratada como algo que começa após a formatura ou depois de alguns anos de prática, mas que compõe o professor-pesquisador em toda a sua trajetória, um processo de formação integral e contínuo.

### **REFERÊNCIAS**

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- MACEDO, Roberto Sidnei. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2004.
- PIMENTA, Selma Garrido. *Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor*. Revista da Faculdade de Educação, v. 22, n. 2, p. 72-89, 1996.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 2002.